vento no rosto

PROMUNDO

Save the Children

expediente

Esta é uma publicação do Instituto Promundo,
com apoio da Save the Children Suécia.

DIREÇÃO DO INSTITUTO PROMUNDO - BRASIL: Tatiana Moura

EQUIPE DO INSTITUTO PROMUNDO - BRASIL: Alice Taylor, Andreza Silveira, Daniela Martins, Danielle Araújo, Danielle Lopes, João Dutra, Letícia Serafim, Mohara Valle, Márcio Segundo, Marco Aurélio Martins, Rose Orth, Selma Henrique Gomes, Thaíssa Rodrigues e Vanessa Fonseca.

COORDENAÇÃO E IDEALIZAÇÃO DO PROJETO: Vanessa Fonseca

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO: Letícia Serafim

REDAÇÃO: Letícia Serafim e Vanessa Fonseca

ILUSTRAÇÃO E PROJETO GRÁFICO: Paulica Santos

REVISÃO: ComRevisão

AGRADECIMENTOS
Agradecemos à Ninfa Parreiras, Ana Portela, Sandra Bondarovsky, Elaine Falcone, Danielle Lopes Bittencourt pelos pitacos para tornar o texto mais bonito.
Agradecemos também à equipe do Projeto Esporte, Cultura, Cidadania da Fundação Oswaldo Cruz que colaborou para a realização do projeto.

Instituto Promundo
Rua México, 31, 1502, Centro
CEP: 20031-904 - Rio de Janeiro
Tel: (21) 2544-3114

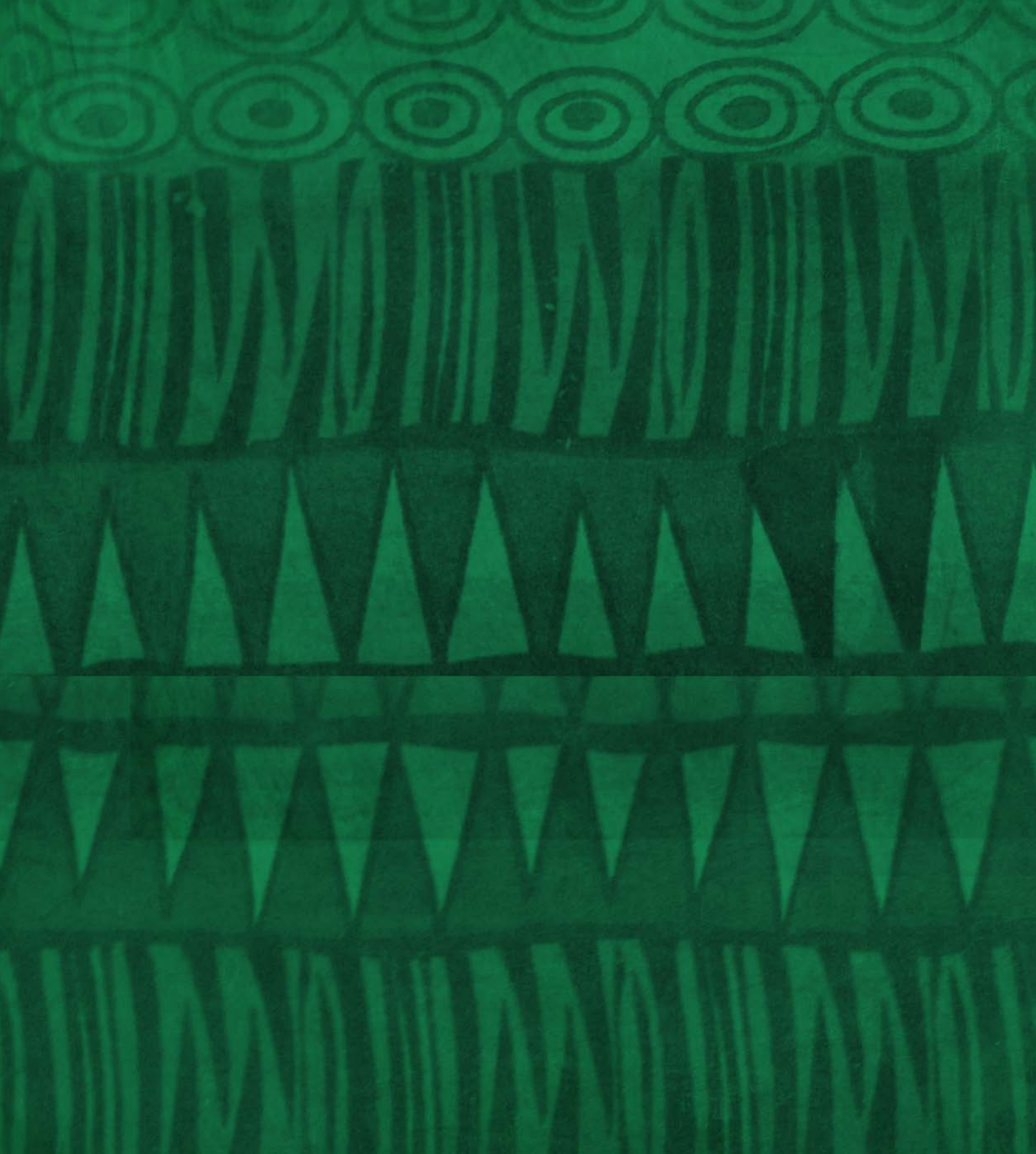
Todos os direitos reservados ao Instituto Promundo. A reprodução da obra ou de trechos dela será permitida desde que mencionados os créditos.

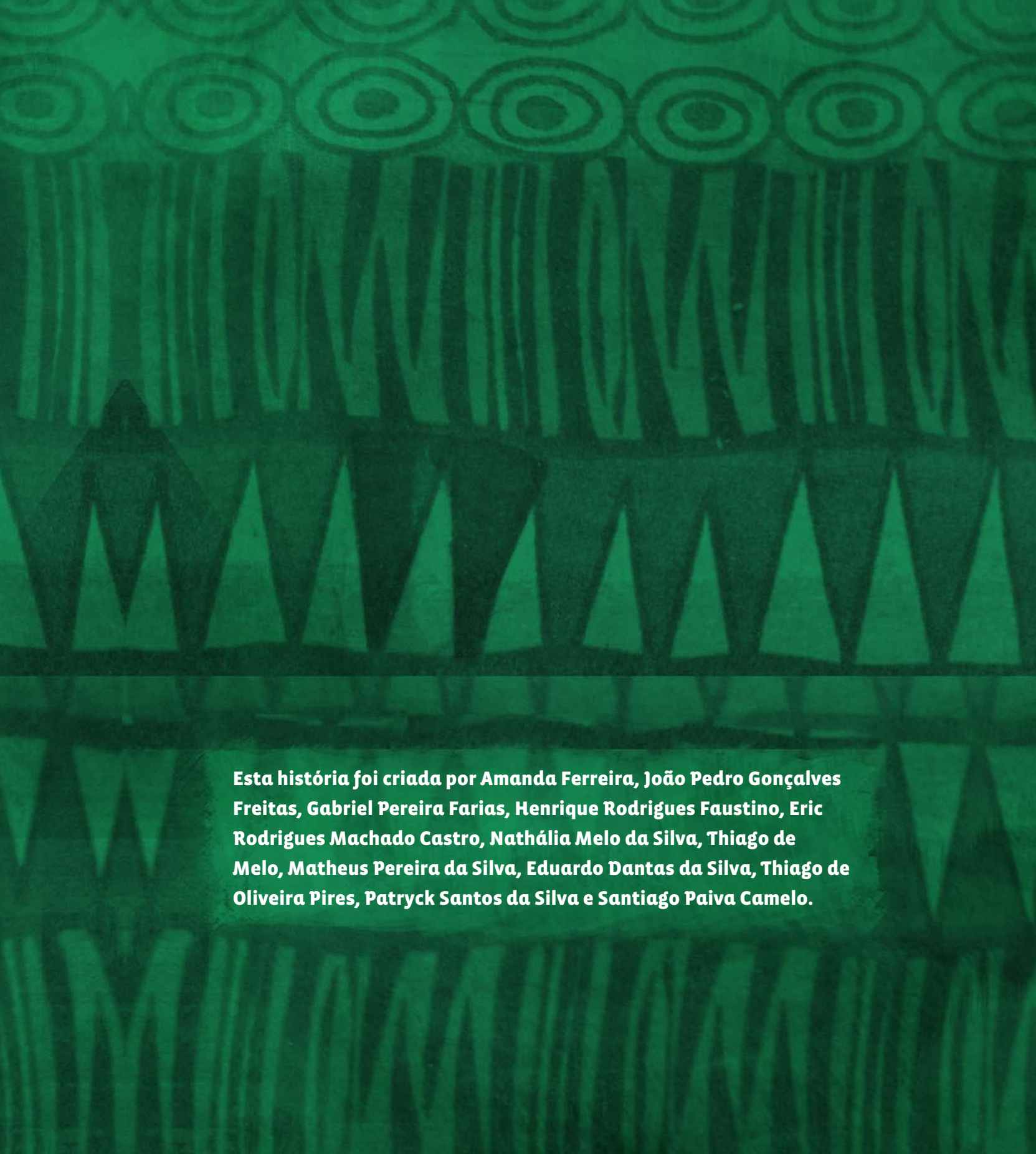
ISBN 978-85-61640-10-1

Vento no rosto

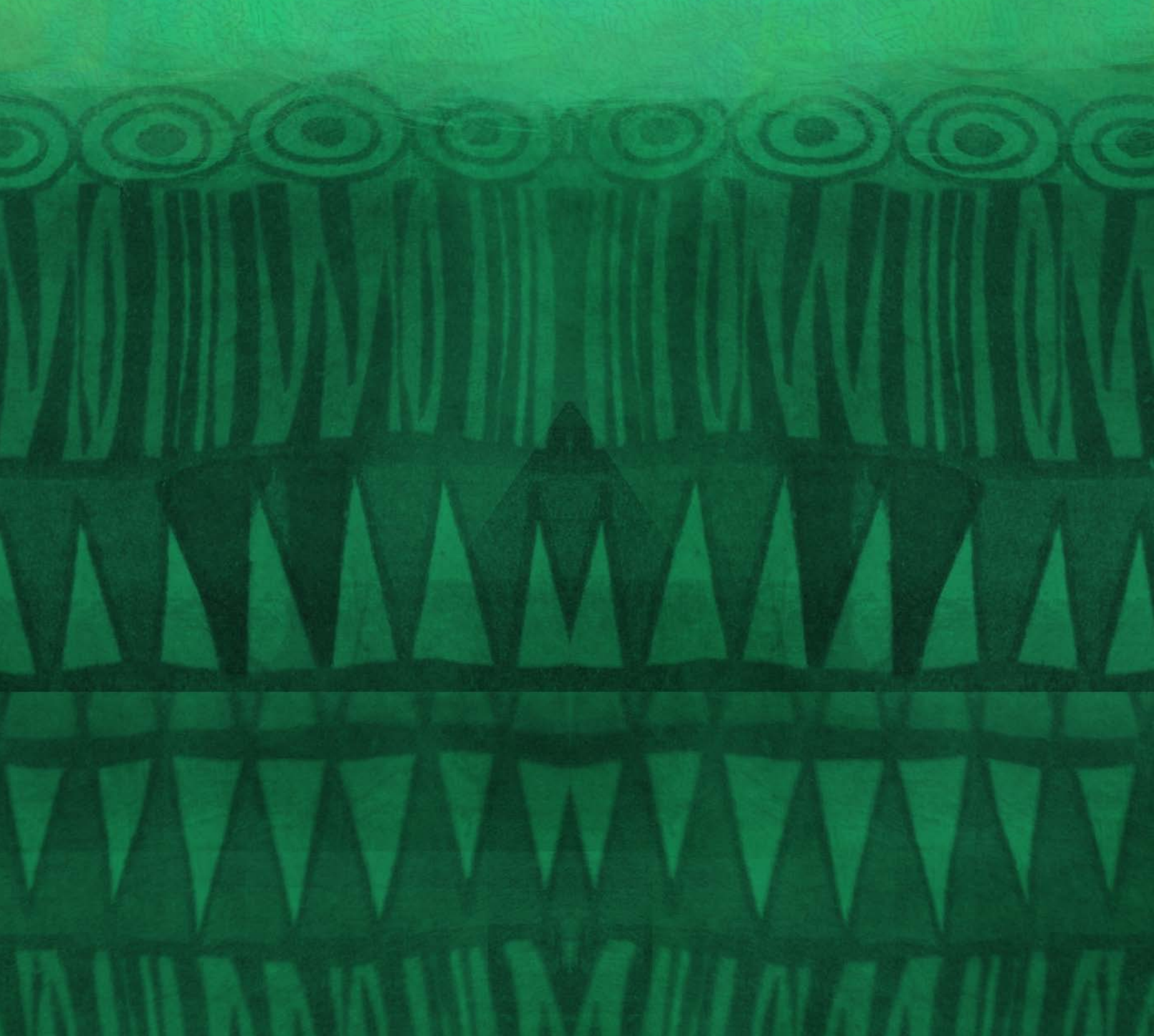
PROMUNDO

Save the Children





Esta história foi criada por Amanda Ferreira, João Pedro Gonçalves Freitas, Gabriel Pereira Farias, Henrique Rodrigues Faustino, Eric Rodrigues Machado Castro, Nathália Melo da Silva, Thiago de Melo, Matheus Pereira da Silva, Eduardo Dantas da Silva, Thiago de Oliveira Pires, Patryck Santos da Silva e Santiago Paiva Camelo.



prefácio

A prática dos castigos físicos e humilhantes contra crianças no processo educativo e de cuidado ainda é muito naturalizada e aceita culturalmente. Muitos acreditam que não é possível estabelecer limites e disciplina sem o uso da força física. Esse é um desafio a ser superado pela sociedade brasileira e cabe a cada um de nós atuar na divulgação de práticas não violentas de resolução de conflitos.

As crianças devem ser ouvidas e consideradas nas questões que afetam sua vida, pois desta forma estaremos respeitando o direito à participação, além de estimular seu potencial criativo.

Quando os adultos promovem a participação de crianças, com uma escuta atenta e respeitosa, que considere suas opiniões e fases de desenvolvimento, elas podem contribuir para a construção de uma educação onde o diálogo, o respeito e a cultura de paz sejam estimulados, assumem responsabilidades, desenvolvem habilidades e aprendem com seus pares.

Este livro apresenta um exemplo de como podemos fazer diferente... podemos construir regras e estabelecer acordos que fortaleçam as relações entre pais e filhos, estimulem a autoestima, autonomia, confiança e a capacidade de expressar sentimentos e ideias, não só nas crianças, mas em toda a família.

Assim, é possível promover o estabelecimento e o cumprimento de regras de convivência pacifica, prevenir os castigos físicos e humilhantes e estimular uma relação familiar respeitosa que garanta o direito das crianças à integridade física e psicológica e seu pleno desenvolvimento como ser humano e cidadão.

Marcia Oliveira

Coordenadora da Campanha Nacional Não Bata, Eduque

Lucas tem 10 anos. Como tantos outros meninos,
é curioso, gosta de brincar, fazer amigos e de sonhar!
Ah, como ele sabe sonhar!
A banho, não é muito chegado. Quando a mãe manda parar
com a brincadeira, faz bico e até pirraça.
Como os meninos de sua idade, ele também sabe fazer muita arte e bagunça. Já quebrou, sem querer, alguns
vasos e vidraças.
Sua mãe até que tem paciência. Mas paciência é como água mole em pedra dura, tanto bate... O resto, vocês sabem.
– Lucas! Vai já arrumar sua bagunça!
Ele não faz por mal. Mas depois de brincar tanto, dá uma preguiça danada de arrumar.
– Mãe, daqui a pouco eu arrumo, tá? – ele sempre tem
uma boa desculpa para deixar a parte chata para depois.
– Não, senhor! Quero ver tudo arrumadinho agora!

Lucas sabe que quando a mãe fala desse jeito,
a melhor coisa é obedecer. Porque senão ela fica brava,
uma fera igualzinha àquelas que seu pai cuida no safári.
Pois é, o pai de Lucas é veterinário. Por causa do seu trabalho,
há seis meses a família foi morar em um
país na África.
O pai de Lucas sempre quis conhecer o continente
do qual, quando criança, escutava historias de seu avô:
da chuva, da areia, dos animais, das savanas.
O pai vive deitado em seus pensamentos. Está sempre tão
imerso entre os animais e os desafios da nova terra que agora
tem pouco tempo para os filhos.
São tempos novos. Precisa se estabelecer no trabalho
e aprender tudo o que pode sobre os bichos que
só havia visto nas grades do zoológico e ouvido
nas fantasias das histórias do avô.

A mãe é enfermeira. Ela gosta de cuidar de pessoas quando ficam doentes. Menos dos filhos! Não porque não quer ficar do lado deles, dar sopinha na boca, fazer como se fossem bebês, mas porque morre de preocupação. Faz de tudo para que as crianças não sofram nem um arranhão.

Os pais são bacanas. O problema é o tempo.

– Tenho muito trabalho! E esse tempo anda cada vez mais depressa!

Os dois estão sempre muito ocupados em dar tudo do bom e do melhor para os filhos: Lucas, Fabiana, a mais velha de 16 anos, e Pati, a caçula de 5 anos.

O pai trabalha quase todo final de semana. Precisa garantir que nenhum bicho corra perigo sem ter alguém por perto para cuidar.

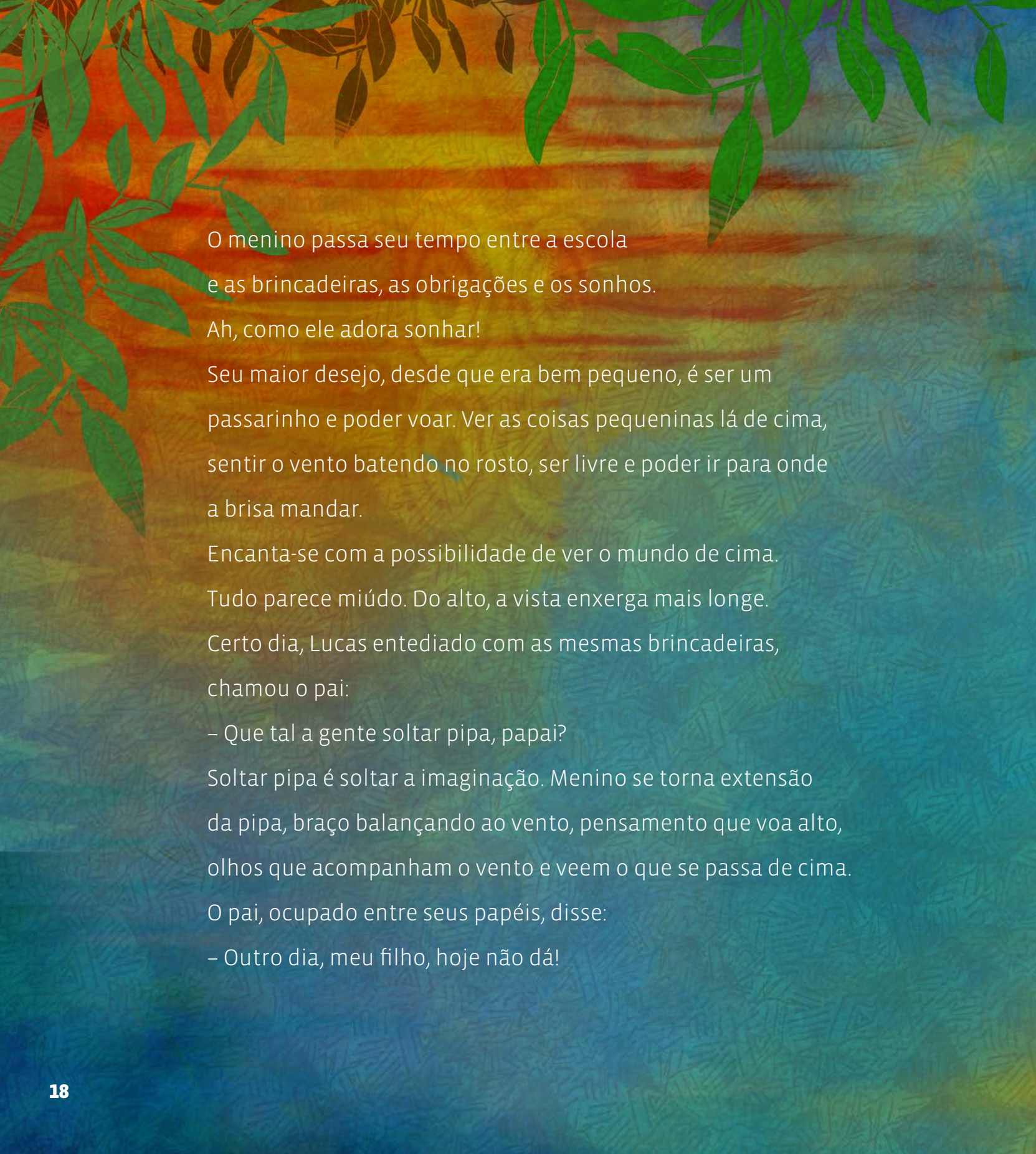
A mãe tem tanta coisa para fazer, que às vezes se distrai e acaba esquecendo onde deixou as coisas.

Além de trabalhar fora, ela tem muitas tarefas em casa: arrumar, cozinhar, lavar, cuidar de Lucas e de suas duas irmãs.

Para facilitar as coisas, as tarefas e as regras da casa são bem claras.
Todos devem contribuir para colocar a casa em ordem e devem saber direitinho como se comportar. Quer dizer, de-ve-ri-am. Porque saber direitinho como se comportar é muito difícil.
É tarefa que vem com a vida.
Cabe a Lucas arrumar o quarto e limpar o quintal. Fabiana lava a louça do jantar, varre a casa e toma conta dos irmãos na ausência dos pais.
Nem a pequena Pati fica de fora:
deve juntar todos os seus brinquedos
quando acaba a brincadeira.

Não é preciso dizer que Lucas fica com preguiça. Mas sabe que é importante colaborar. Bem que ele queria ser dois. Assim, um fica descansando enquanto o outro vai fazer suas obrigações.

Às vezes, ele se sente um pouco sozinho. A irmã mais velha é mandona e não gosta mais de brincadeira de criança. A mais nova, ainda pequena, não sabe os jogos que Lucas gosta de jogar.



O menino passa seu tempo entre a escola
e as brincadeiras, as obrigações e os sonhos.
Ah, como ele adora sonhar!
Seu maior desejo, desde que era bem pequeno, é ser um passarinho e poder voar. Ver as coisas pequeninas lá de cima, sentir o vento batendo no rosto, ser livre e poder ir para onde a brisa mandar.
Encanta-se com a possibilidade de ver o mundo de cima.
Tudo parece miúdo. Do alto, a vista enxerga mais longe.
Certo dia, Lucas entediado com as mesmas brincadeiras, chamou o pai:
– Que tal a gente soltar pipa, papai?
Soltar pipa é soltar a imaginação. Menino se torna extensão da pipa, braço balançando ao vento, pensamento que voa alto, olhos que acompanham o vento e veem o que se passa de cima.
O pai, ocupado entre seus papéis, disse:
– Outro dia, meu filho, hoje não dá!

Lucas foi, então, brincar com seus irmãos
da comunidade: Kabengele, Zheto e a bela Ntoweni.
No lugar em que vivem é assim: cada criança é como irmã, cada
adulto como pai, mãe, tio e tia e cada velho como avô e avó.
– Vamos brincar de algo diferente! – sugeriu Lucas.
– Como assim? – entreolharam-se os amigos.
– Vamos fazer uma coisa que a gente nunca fez.
– era a voz do desejo de liberdade de Lucas
soprando em seu ouvido.
Os amigos lembraram-se de um lugar que Lucas
ia adorar conhecer!
Após uma longa caminhada no meio da mata, passando
por riachos e desviando de galhos de árvores, lá estava ela!
Abrindo-se maravilhosa em queda: a cachoeira do Mistério.
Lucas teve certeza de que nunca havia visto nada
tão bonito em todos os seus 10 anos de vida!

O véu da água escorre sobre as pedras com tanta força que forma uma nuvem de gotículas saracoteantes no ar.

A queda descansa em uma bacia d'água cristalina e gostosa de boa de nadar.

Os meninos gostam de imaginar que aquele é um lugar secreto. Que só eles conhecem! Um lugar mágico com tesouros escondidos, povoado por piratas, duendes, fadas.

Ao ver os amigos, que têm completa intimidade com a natureza, pularem na água, Lucas imaginou que poderia realizar seu sonho de ser pássaro e sentir o vento batendo em seu rosto.

Liberdaaaaaade!

E tchibum!

Fabiana, curiosa que era, decidiu seguir o irmão para saber o que ele fazia nas tardes em que voltava para casa com aquele mistério no olhar.

Ao ver Lucas saltar da cachoeira, foi correndo contar para a mãe sobre a aventura do menino.

Quando Lucas chegou em casa, a mãe estava furiosa.

– Lucas, você está proibido de voltar neste lugar!

– Mas, mãe, eu só queria...

E antes que Lucas pudesse explicar os encantos da cachoeira:

– Criança não tem querer, tem que obedecer! Já para o quarto. Está de castigo!

As mães se preocupam com as asas que brotam nos filhos. Elas querem protegê-los dos perigos da vida, que são muitos. Sem querer, acabam cortando as asas, e asas cortadas doem demais. Melhor seria pássaro grande do lado. Assim, gavião fica intimidado e passarinho pode voar solto.

– Que mal há em brincar na cachoeira?

Lucas não se conformava e foi para o quarto sem conseguir segurar as lágrimas.

– Meninos não choram. – disse a irmã mais nova, enxugando as lágrimas do garoto.

– Choram sim, Pati. Meninos também sentem dor, têm emoção. Chorar faz bem para o sangue e faz a gente crescer forte!

Lucas ficou pensando por que os adultos algumas vezes não conseguem escutar o que as crianças têm para dizer.

Por que não entendem suas razões?

Um tempo depois, numa daquelas tardes em que o sol parece que vai descer do céu e tocar a terra, Lucas sentiu a vozinha da liberdade soprando novamente em seu ouvido. Não resistiu!

Chamou os irmãos da comunidade e partiu rumo à cachoeira do Mistério. Ia ser rápido, antes mesmo que alguém sentisse a falta, eles já estariam de volta!

Como tudo o que se faz escondido revela-se hora ou outra, enquanto caminhavam pela trilha que levava até à cachoeira, um vento muito forte começou a soprar espalhando folhas pelo ar.

De repente, o céu escureceu, relâmpagos esbravejaram e um aguaceiro danado começou a desabar. Os quatro meninos foram obrigados a se esconder em uma gruta enquanto a tempestade não ia embora.

Quando os pais de Lucas chegaram em casa, encontraram Fabiana muito nervosa. Já era hora do irmão ter voltado!

Onde ele estaria? A mãe ligou para todos os amigos da rua e ninguém tinha notícia.

Quando o dia começou a se despedir e a primeira estrela ascendeu no céu, a porta da casa se abriu e Lucas apareceu completamente ensopado de chuva e medo.

A mãe, aliviada de tê-lo encontrado, mas com muita raiva, perguntou:

– Onde você estava? Fiquei muito preocupada sem ter notícias suas!

– Eu queria tanto sentir o vento no rosto! – foi só o que conseguiu dizer.

A mãe, furiosa, pensando que um castigo só não bastaria:

Plaft! Plaft!

Deu duas boas chineladas no menino desobediente!

– Vá já para o seu quarto e só saia de lá quando eu mandar. – disse o pai.

Lucas sabia que tinha feito algo errado. Não devia fazer nada escondido.

O menino não entendia por que os pais, sem nem mesmo conhecer a cachoeira do Mistério, proibiam-no de desfrutar daquele lugar tão maravilhoso! Era tão importante para ele ter aquelas sensações!

O menino estava muito triste por não conseguir dizer para os pais como estava se sentindo, nem compartilhar seus sonhos. Eles estavam sempre tão ocupados e com as regras prontas!

A mãe, por sua vez, estava moída por ter batido no menino.

Doía mais nela, do que no filho, pensava.

– Será? O que fazer quando o filho não obedece? – ela pensou.

Tornara-se uma mulher digna, embora se lembrasse do sofrimento e da mágoa que tinha da mãe quando apanhava. Não queria que Lucas sentisse o mesmo. O medo lhe impusera limites, mas também a afastara um pouco dos pais.

Aprendeu que desobediência se resolve assim: com umas boas palmadas! De que outro modo poderia ser?

Fato é que não estava satisfeita. Tinha agido mais por impulso e por não saber o que fazer.

No mesmo instante, o pai de Lucas lembrou-se do seu velho avô, das histórias dos antepassados que ouvia dele, das danças e das canções de tambores que costumava vê-lo tocar. E, sobretudo, do seu jeito carinhoso de olhar nos olhos e ouvir sua alma.

Não se recordava de algum dia ter apanhado de seu avô.

Lembrava-se de ter aprendido com as histórias do velho a se imaginar no lugar do outro, conhecer seus limites e aprender a respeitar. Eram histórias de outras culturas, outras possibilidades de ser, de vida.

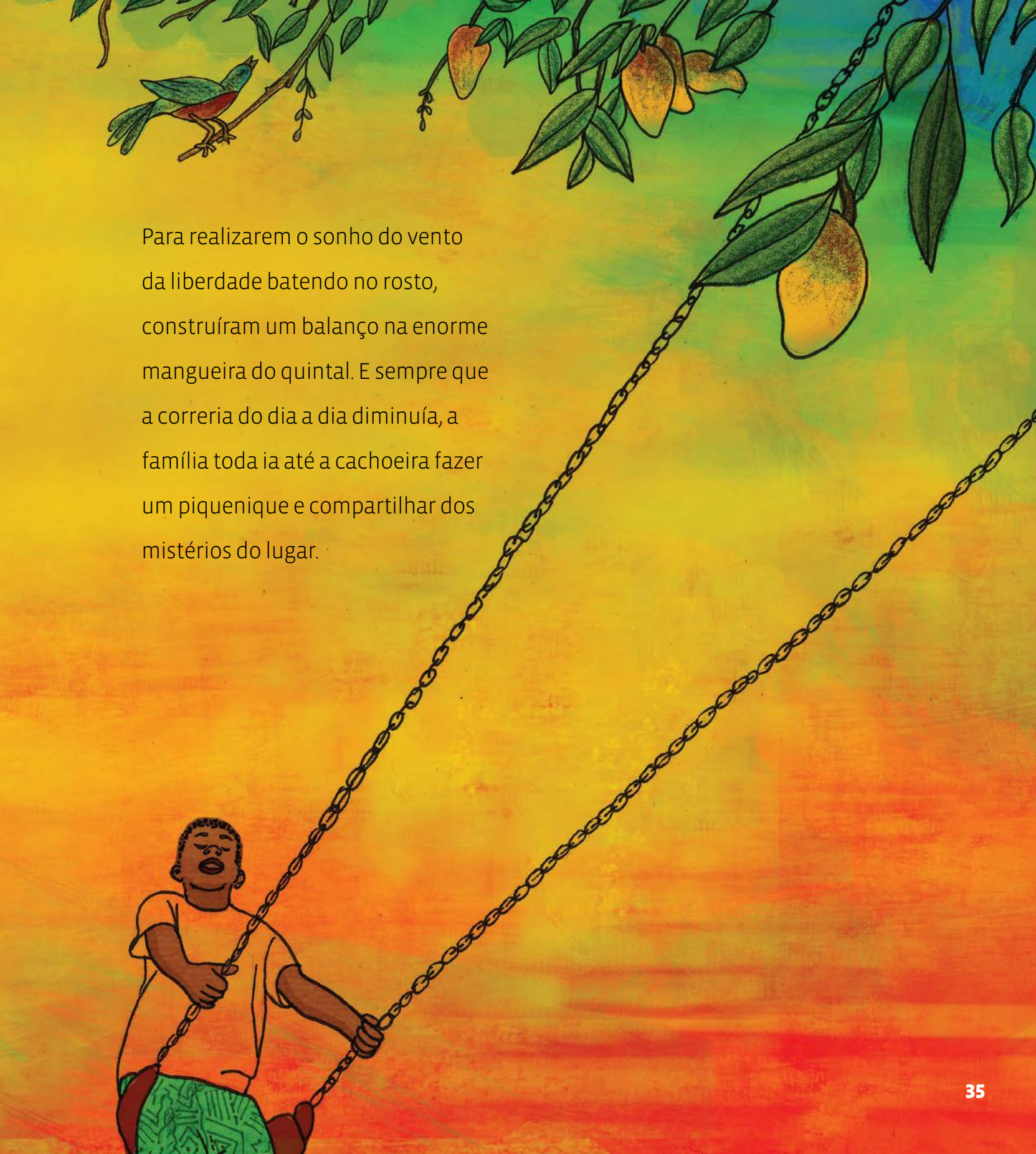
Essas histórias o levavam para longe e despertavam nele o mesmo desejo de ter asas que hoje Lucas tem.

Deu-se conta de que fazia muito tempo que não parava para ouvir o filho, jogar conversa fora e rolar no chão fazendo guerra de cosquinha.

– Às vezes, os pais fazem tantas coisas pensando no bem dos filhos, mas se esquecem do mais simples: deixá-los ser e ouvir seus sonhos! – pensou o pai de Lucas.

No dia seguinte, logo pela manhã, pai e mãe foram conversar com Lucas. Conversando, eles entenderam as razões que levaram o filho a se encantar pela cachoeira. Afinal, já foram crianças e sabem como a imaginação é um brinquedo e tanto!

O filho, após finalmente conseguir expressar o que sentia por dentro, também entendeu a preocupação dos pais em querer protegê-lo. Lucas decidiu que não ia desobedecê-los nunca mais!



Para realizarem o sonho do vento da liberdade batendo no rosto, construíram um balanço na enorme mangueira do quintal. E sempre que a correria do dia a dia diminuía, a família toda ia até a cachoeira fazer um piquenique e compartilhar dos mistérios do lugar.

notas sobre o livro

O objetivo deste livro é dar voz às crianças sobre como pensam que poderiam ser educadas, sem o uso de violência.
Não é um livro apenas de criança para criança. É também de crianças para adultos. É para que os adultos percebam que crianças têm ideias que precisam ser respeitadas quando se trata de decidir os rumos de sua própria vida.
Isso não significa que crianças sabem mais do que seus pais o que é melhor para si. Nem que os pais estejam isentos de errar nas escolhas que fazem para a vida dos filhos. Mas é importante refletir sobre o que as crianças estão dizendo e as escolhas feitas precisam fazer sentido e se adequar aos planos e fantasias de cada criança. Como parte importante de seu processo educativo, elas devem saber por que essas escolhas estão sendo feitas.

Crianças, sujeitos de DIREITOS

Crianças são sujeitos de direitos. Isto não significa pensá-las como pequenos adultos, mas considerar sua voz, sentimentos, desejos e sua percepção própria do mundo. Por isso, merecem ser ouvidas. É importante considerar o que as crianças entendem de seu lugar no mundo.
Como sujeitos de direitos, crianças têm necessidades diferentes dos adultos que precisam ser respeitadas: estudar, brincar, fantasiar, ser cuidada e ser protegida. Portanto, são sujeitos especiais porque precisam de um adulto para atender às suas necessidades.

Sobre o Promundo e o trabalho de prevenção à violência contra crianças

Desde 2005, por meio do projeto **"Crianças, Sujeitos de direitos"**, o Promundo tem buscado desenvolver estratégias para refletir com pais e responsáveis sobre os direitos das crianças, inclusive o direito à participação e de expressão de opiniões sobre questões que afetem diretamente suas vidas.

Este trabalho deu origem a uma série de consultas com crianças e seus cuidadores, além de ferramentas para estimular maior participação infantil e incentivar pais e responsáveis a adotarem medidas disciplinares não violentas na educação dos filhos. Estas publicações podem ser encontradas no site do Promundo: **www.promundo.org.br.**

Rede Não Bata, Eduque

O Promundo faz parte da Rede Não Bata, Eduque, um movimento social que tem como objetivo erradicar os castigos físicos e humilhantes e estimular uma relação familiar democrática e respeitosa. Sua ação se dá através da conscientização da sociedade sobre o direito das crianças de terem sua dignidade e integridade física respeitadas, com uma educação livre de violência e baseada em estratégias disciplinares positivas.

O livro Vento no Rosto é parte dos esforços do Promundo para estimular o debate sobre alternativas à educação sem o uso de castigos físicos e humilhantes.

EDUCAÇÃO COM USO DE CASTIGOS FÍSICOS

Bater em criança com o objetivo de educar, punir e corrigir é uma prática aceita por muitas culturas. No Brasil, essa estratégia é utilizada com maior ou menor intensidade por muitas pessoas. Nossos bisavós e avós sofreram castigos físicos mais contundentes. Há relatos de surras com fio, cipó, chicote, vara de marmelo, tamanco, pedaço de pau etc. Nos tempos atuais, os castigos mais utilizados são tapas, beliscões, chineladas, empurrões, palmadas, além de gritos e xingamentos. Já os socos, pontapés e queimaduras são reconhecidos como maus-tratos. Porém, toda e qualquer forma de agressão física é uma violência e deve ser evitada.

Por que a educação por meio de castigos físicos deve ser evitada?

Muitos pais costumam dizer: "se eu fui educado com castigos físicos e sou saudável, que mal há em dar umas boas palmadas nos meus filhos, quando cometem algo de errado?" Algumas pessoas conseguem crescer saudavelmente apesar da violência, por meio de habilidades que desenvolvem ao longo da vida. Mas sabe-se que a violência pode gerar problemas sociais, emocionais, psicológicos e de aprendizagem.

Uma educação sem o uso de castigos físicos estimula a criação de uma relação de confiança e proximidade entre a criança e seu cuidador, pois as crianças merecem viver livres do sofrimento e da dor causada pela violência.

Assim como um adulto, crianças e adolescentes também têm o direito de não sofrer qualquer tipo de violência para serem educadas, incluindo tapas e beliscões. Homens agredidos física ou moralmente podem denunciar o fato em delegacias, bem como mulheres, atualmente protegidas pela lei n. 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha.

O uso de castigos físicos não tem eficácia comprovada na educação de crianças. Um trabalho que analisou 20 anos de pesquisas sobre o tema concluiu que "nenhum estudo mostrou que a punição física tem efeito positivo, e a maior parte dos estudos encontrou efeitos negativos". O uso de violências físicas como forma de disciplinamento promove a aprendizagem da violência, pois oferece um modelo inadequado de os adultos lidarem com situações de

conflitos, que é o uso da força, da violência.
Uma criança que apanha por fazer algo errado pode deixar de fazê-lo por medo de apanhar novamente e não porque entendeu que o que fez pode ter consequências danosas para alguém.
Medo não nos faz entender coisa alguma. O que nos faz entender a importância dos limites é uma explicação que faça sentido. Colocar-nos no lugar do outro. Ou como disse um dos autores da história, "entender a privacidade do outro".
Conversar, estar próximo, ouvir e argumentar leva mais tempo do que a obediência imposta por umas boas chineladas. E tempo é artigo de luxo hoje em dia. Mas educar é tarefa importante e dá trabalho. É mais rápido e eficiente entender as razões dos limites que a vida nos dá com alguém ajudando a gente, por meio de uma boa conversa, do que magoados.
São os exemplos, as histórias contadas, as boas conversas, o respeito e o carinho que recebemos que nos fazem refletir e aprender sobre a melhor forma de nos comportar e nos relacionar com quem está a nossa volta. As brincadeiras e as histórias nos ajudam a nos imaginar no lugar do outro.

Como colocar limites sem o uso da violência?

As crianças precisam de limites para crescer de forma saudável. Limites podem ser dados sem o uso de violência, por meio de regras e acordos adequados à faixa etária e com alguma possibilidade de negociação e flexibilidade, de forma coerente. Ou seja, não faz sentido permitir algo em um dia e não permitir no outro, dependendo do humor dos pais ou cuidadores. Esta flexibilidade precisa ser bem justificada.
Não existem receitas de bolo sobre como educar crianças. Depende da relação estabelecida. Mas acreditamos na importância do debate para oferecer alternativas ao uso dos castigos físicos e humilhantes.
Não acreditamos que pais e mães sejam potencialmente maus por educarem seus filhos por meio de castigos físicos. Pais, mães e cuidadores geralmente querem o melhor para suas crianças e conhecem melhor do que outras pessoas o que elas necessitam. No entanto, por terem sido educados pelo uso dos castigos físicos e por ser este um meio recorrente, não sabem como fazer diferente.

Este livro tem o objetivo de estimular este debate.
No página da Rede Não Bata, Eduque, e nos materiais apresentados anteriormente, publicados e disponíveis no site do Promundo, pode-se encontrar reflexões sobre como dar esses limites sem o uso da violência, que ajudam os pais e cuidadores a pensar a melhor maneira de educar suas crianças.

Sobre o processo de criação do livro

A história de Lucas foi criada por um grupo de 12 crianças entre 6 e 13 anos, que fazem parte do projeto Esporte, Cultura, Cidadania, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), por meio de dez encontros.
Como pode ser observado na lista dos criadores da história, a maioria era menino. Entretanto, tivemos contribuições importantes de meninas e consideramos que os temas tratados no livro ultrapassam as questões de gênero. Embora seja a história de um menino, com situações algumas vezes próprias desse gênero, os conflitos apresentados adequam-se a ambos. Tratamos de participação infantil, escuta, limites sem violência, apoio para a experimentação de seus sonhos e desejos de maneira segura.
Os encontros foram planejados conforme as respostas que nos eram dadas a cada dia pelas crianças. Havia um objetivo – dar voz às crianças, por meio de uma história, sobre como pensam que poderiam ser educadas sem violência – e algumas pistas de como alcançá-lo. A partir dos resultados diários, buscávamos recursos para fazê-las criar uma história.
Os quatro primeiros encontros buscaram estimular um debate sobre como crianças costumam ser educadas e quais as alternativas para os castigos físicos. Isto foi feito por meio de leitura de histórias, desenhos feitos pelas crianças, dinâmicas e o desenho animado "Era uma vez uma família", um dos materiais criados pelo Promundo para estimular um debate sobre as consequências dos castigos físicos. O livro infantil escolhido para iniciar o debate com as crianças foi "A princesa que escolhia", de Ana Maria Machado, que trata da história de uma princesa que deseja 'escolher', ter voz e ter seus direitos respeitados.
Os quatro encontros seguintes foram para a criação da história de Lucas, que você acabou de ler. Como recurso para estimular a criação dos personagens e situações, a

massinha de modelar foi o que mais teve adesão das crianças. As cores e as formas criadas com a massinha inspiraram a criação dos personagens. Da possibilidade de esculpir animais coloridos nasceu a ideia de um pai veterinário. De uma visita vinda da África e muitas perguntas curiosas, nasceu o desejo de mudança de Lucas para o continente em que os animais mais comuns no imaginário infantil habitam: elefantes, leões e hipopótamos.

Através de estímulos, questionamentos e provocações, as crianças foram construindo as tramas da história. A escuta foi muito importante para o processo. Foi fundamental deixá-las falar, colocar seus pontos de vista, criar, fantasiar. Essa estratégia os fez entender que suas opiniões e ideias são relevantes.

Enquanto criavam, as crianças puderam refletir sobre novas formas de negociar desejos e obrigações. Puderam se colocar no lugar dos pais e entender a importância em colaborar e respeitar, encontrando no diálogo o melhor caminho para a resolução de conflitos.

Embora acostumadas ao discurso da aprendizagem pelas palmadas, elas entendem a importância de uma boa conversa e relataram ter repensado suas atitudes após terem sido convocadas por seus pais e cuidadores para uma reflexão sobre seus atos.

Com o processo, concluímos que, se bem estimuladas, as crianças têm muito a dizer. Com elas, aprendemos que é importante que os adultos mergulhem em seu mundo, ajudando-as a encontrar caminhos seguros para suas potencialidades e desejos. Educar pode ser uma viagem com a criança na descoberta do mundo.

Lucas é um menino de 10 anos que vive na África com sua família. Seu sonho e ser como os pássaros e sentir o vento da liberdade batendo em seu rosto. Quando descobre a cachoeira do Mistério, pensa ter encontrado o lugar ideal para realizar este sonho.
No entanto, nem sempre os desejos vêm acompanhados de segurança e de responsabilidade. Lucas e seus pais têm, em meio à correria do dia-dia, o desafio de encontrar uma forma de negociar a realização dos desejos, as frustrações e as responsabilidades.